ANPEGE

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia

REVISTA DA ANPEGE

ISSN 1679-768X

VOLUME 19

N. 38 (2023)

30 ANOS ANPEGE

DOI: 10.5418/RA2023.V19I38.16648

REVISTA DA ANPEGE | v. 19 nº. 38 (2023) | e-issn: 1679-768x

GEOGRAFIA E ESCRITA: A CIDADE INTERPELADA PELAS CRÔNICAS

Geography and writing: the city interpelated by the chronicles

Geografía y escritura: la ciudad interpelada por las crónicas

RODRIGO EMIDIO SILVA
Universidade Federal de Goiás (UFG)

ANA CAROLINA DE OLIVEIRA MARQUES
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Resumo: A crônica percebe a cidade na escala do ordinário. Se entendermos que toda crônica é uma obra de ficção, um gênero que transforma lugares geográficos em locais narrativos, pode-se, por extensão, afirmar que, o olhar do cronista transforma casas, ruas, portas de bares, esquinas e bueiros em texto. Neste movimento de aproximação entre a Geografia e literatura – dentre tantos possíveis, interessa-nos, especialmente, a leitura e produção da cidade a partir das crônicas. Estabelecemos o recorte de três crônicas publicadas por geógrafos e geógrafa no blog "Multiplicadores de VISAT" (Vigilância em Saúde do Trabalhador). As reflexões apontam, para a potência da escrita de crônicas na iluminação do tráfego orgânico entre imagem e palavra, na interpelação do sequestro do olhar e da atenção nas metrópoles e no descortinamento de "cidades invisíveis" e possíveis.

Palavras-chave: Geografia e Literatura; paisagem; olhar; metrópole.

Abstract:: The chroricles perceives the city on the scale of the ordinary. If we understand that every chronicle is a fictional work, a genre that turns geographic places into narrative places, one can by extension to affirm that the chronicler's look transforms houses, streets, bar doors, corners and manholes in text. This approach movement between Geography and Literature – among many possibilities, it is interesting for us, especially, the reading and production of the city from the chronicles. We choose three chronicles published by geographers on the blog "Multiplicadores de Visat" (Worker Health Surveillance). The reflections show the power of writing chronicles in revealing the organic relationship between image and word, in questioning the kidnapping of the gaze and attention in the metropolises and in the revelation of invisible and possible cities.

Keywords: Geography and Literature; landscape; look; metropolis.

Resumen:: La crónica entiende la ciudad en la escala de lo ordinario. Al comprender que toda la crónica es una obra de ficción, un género que transforma lugares geográficos en locales narrativos, se pude decir, por extensión, que la mirada del cronista transforma casas, calles, puertas de bares, esquinas y alcantarillas en texto. En este movimiento de aproximación entre Geografía y literatura – entre las distintas posibilidades, nos interesa la lectura de la producción de la ciudad a partir de la crónica. Establecemos el recorte de cuatro crónicas publicadas por geógrafos y geógrafa no blog. "Multiplicadores de VISAT"(Vigilancia en salud del trabajo). Las reflexiones apuntan a la potencia de la escritura de crónicas para iluminar el tránsito orgánico entre imagen y palabra, en la interpelación del secuestro de la mirada y de la atención en las metrópolis y en el despliegue de las "ciudades invisibles" y posibles.

Palabras clave: Geografía y Literatura; paisaje; mirada, metrópoli

INTRODUÇÃO

As metrópoles são verdadeiras miscelâneas de cenas. Conectadas ou desconexas, configuram as diversas tensões que pulsam a cidade. A metrópole embaralha as escalas e desafia a percepção daquele que dialeticamente a reflete e a produz.

As metrópoles brasileiras sintetizam o movimento descompassado entre o rural e o urbano, informam a precária realização da urbanidade, em um país que, historicamente, retroalimenta sua posição de subordinação e dependência na divisão internacional

do trabalho. Interpretar as metrópoles – suas formas e processualidades, exige destreza e sensibilidade para imergir nesse caleidoscópio de imagens, sons, cenas, atravessamentos. Exige método.

Em busca deste aperfeiçoamento de método, a fim de romper a membrana que separa a leitura geográfica da escala do ordinário, geógrafos e geógrafas recorrem a estratégias e gêneros literários que lhes permitam analisar sujeitos, paisagens e territórios cotidianos. Neste movimento de aproximação com a literatura – dentre tantos possíveis –, a Geografia se faz verbo. Dos produtos desta aproximação, interessa-nos, especialmente, a leitura e produção da cidade a partir das crônicas.

A crônica percebe a cidade na escala do ordinário; e se entendermos que, toda crônica é uma obra de ficção, um gênero que transforma lugares geográficos em locais narrativos. Pode-se, por extensão, afirmar que, o olhar do cronista transforma casas, ruas, portas de bares, esquinas e bueiros em texto. Os caminhos estreitos e gretas, que exigem a atenção do apreciar o detalhe, que é na pausa da caminhada observadora e distraída que olhamos o pó do tempo que cortina nas sombras de vãos e cantos. A Literatura, como as outras formas de olhar, voltou-se para o menos evidente. O observador prende-se às frestas, um sentido marcado pelo entreaberto.

O escritor, ao escrever coloca o papel a si mesmo, lança-se ao mundo. A escrita é singularidade extrema. Não escapa à tensão entre o "dito, o que se quer dizer e que escapa no dizer". Escrever é a tensão entre o eu, o outro e o mundo. Bosi (2010), compreende que a linguagem evoca o ausente/outro, presentifica-os na consciência, leva-nos ao infinito dos significados. Ela, a escrita, nasce na distância entre humano-mundo, humano-humano. É uma ponte de signos.

A palavra é alimento. A sucção da ausência faz a boca comer o mundo pela linguagem. Octávio Paz (1993) nos presenteia com a seguinte definição: "o ser nasce primeiro palavra e depois torna-se concreto". Os signos comem sua concretude, surge a alegoria. Para este artigo, analisamos três crônicas publicadas por geógrafos e geógrafas no blog "Multiplicadores de VISAT" (Vigilância em Saúde do Trabalhador), coordenado por professores e estudantes da Fiocruz-RJ:

- **Crônica 1**: O GRITO DO PARALELEPÍPEDO – Eguimar Felício Chaveiro (2020). A crônica tem como objeto as memórias de um professor de "Geografia Urbana" que periodicamente realizava trabalhos de campo junto a seus estudantes no centro da cidade de Goiânia-Go, na década de 1990;
- **Crônica 2**: NOVO PROJETO HABITACIONAL CELU"LAR" – Valdir Specian (2022). O cronista tece reflexões acerca do uso exacerbado – o "sequestro social" – do celular, a dispersão e solidão do sujeito e os efeitos na sociabilidade em diferentes situações: em casa, no transporte público, no bar, nos eventos científicos.; e
- **Crônica 3**: A SINFONIA DA CIDADE: MOVIMENTO E DISPUTA – Marcia Cristina Hizim Pelá (2022). A crônica esmiuça a metrópole como cidade polifônica à

medida que o leitor acompanha a caminhada da narradora-personagem pelo centro de Goiânia-GO.

Os três geógrafos-escritores, membros do grupo de pesquisa “Espaço, Sujeito e Existência” (CNPq), atuam na docência e pesquisa em três instituições de ensino: Universidade Federal de Goiás, Universidade Estadual de Goiás e Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN). Possuem uma extensa produção acadêmica, experiências profissionais dentro e fora do país e, atuação junto a movimentos sociais. Tais experiências, compõem seus “lugares da enunciação” (SOUZA, 2019), cujas reverberações espraiam-se nas crônicas.

O mapa deste texto é composto por dois pontos conectados por linhas tênues e trêmulas: Inicialmente, o exercício de observação tão primordial à investigação geográfica é discutido, a partir das particularidades de um objeto em especial: a metrópole. Em seguida, refletimos acerca da crônica, enquanto produto e processo, além de seu potencial na iluminação do tráfego orgânico entre imagem e palavra, na interpelação do sequestro do olhar e da atenção nas metrópoles e no descortinamento de “cidades invisíveis” e possíveis.

As metrópoles: as paisagens, as cenas e o olhar

As cidades possuem incontáveis toneladas de concreto e aço, por suas amarrações sólidas vagam sonhos, medos, fantasias, delírios e paranoia, que de tão infinitos, não possuem medidas certas ou justas. A urbe é a apoteose da técnica, cidades são esquadrinhadas em folhas de papel e suas faces, resultam dos desejos de imprimirmos nossa fisionomia sobre a superfície terrestre. Elas carregam a fusão da natureza e humanidade. Freud (1997) escreveu que, a técnica é o nosso desejo de controlar a natureza. A humanidade, ao longo da sua aventura, buscou assemelhar-se a Deus, o humano é o Deus de prótese. A cidade é, também, uma construção ideológica e imaginária desenhada pelas representações. Não nos enganemos: a representação move ossos.

Estes labirintos urbanos carregam as marcas arquetípicas de Dédalo; e nós, como criadores dessas estruturas, ficamos presos em nossa própria invenção. Transitamos diariamente pelas suas ruas, exercitando nossa criatividade ao saltar poças de água fedorenta e calcular a velocidade dos carros, medindo a distância até à próxima calçada. Em uma solicitação de segundos, a pergunta inevitável surge: será que dá tempo? Quando o sinal verde finalmente liberar a navegação oceânica das máquinas, os barulhentos e emitidos obedecem, quase sempre, ao sinaleiro. O carro veloz da propaganda da televisão não simpatiza com o trânsito lento.

Compõe a cidade, o jogo da articulação e da fragmentação, as ideologias de dominação do desejo e dos gostos dos trabalhadores; dos que desenvolvem articulações entre Estado, capital privado e especuladores imobiliários; dos que se auto segregam transformando o espaço urbano por meio da diferenciação de classe na moradia, nos meios de transportes, na acessibilidade de academias luxuosas, hospitais privados, *resorts*.

Nasce disso tudo, um tipo de fragmentação pela via do acesso aos objetos e eventos da cidade – polissêmicos, polifônicos e contraditórios.

A metrópole tem sido o lugar em que diferentes formas de resistências, ativismos, organizações revolucionárias, derivas culturais, em que as inovações tecnológicas populares referendam a luta de classe, a luta identitária, o enfrentamento de todas as formas de dominação, inclusive, com atos de solidariedade, de ação coletiva e de discernimento das contradições do mundo. Esses infinitos espetáculos de vida, que desabrocham no asfalto, traduzem-se em afetos citadinos. No ensejo de Guattari (1992), a arte do afeto arranja-se nas subjetividades dessa "mecanosfera" urbana: o caos exterior toma sentido nas cenas capturadas pela consciência. Assim sendo, olhar a cidade é um fluxo contínuo dos sentidos, desejos, repressões e experiências.

Os *shoppings* e os aeroportos, por exemplo, premidos de logotipos e lanches rápidos padronizados, são os não-lugares aos quais nos habituamos: em Lima, Goiânia, Anápolis ou Tóquio, vemos a mesma paleta de cores, provamos os mesmos sabores e sentimos o mesmo cheiro do *fast food* de todos os dias, da vida pasteurizada. Mas, as metrópoles vão além destes sem-lugares. Isso também porque, elas carregam as paisagens que, somadas à afetividade, tomam contornos de lugar.

Por outro lado, atrelado às afetividades que ligam ser e espaço, o próprio sujeito, na metrópole, é atravessado por um sem-fim de códigos, signos, seviciado pelas máquinas produtoras de informação e de imagens, arrastado pelos convites de "solução individual" dos seus problemas, fragmentando-se, ou quase se estilhaçando, inclusive nos suportes que lhe poderiam dar sustentação, como a memória, as raízes, a afinidade de classe.

O sujeito e a multidão são a marcha da união contratante que pulsam na vida urbana. A liberdade, que o anonimato permite aos habitantes das metrópoles, faz a cidade pulsar numa massa de rostos. As cenas são breves, são sopros que bailam no teatro do infinito: o encontro fatal entre o mendigo sóbrio e o motorista bêbado; os bares e igrejas que se olham face a face.

Os caminhos para compreender uma cena perpassam pelos níveis da descrição, tensão e chega aos valores culturais e simbólicos. A cena e a paisagem são indissociáveis na plástica das fisionomias espaciais. Para Besse (2014), a paisagem é a categoria imediata para o trabalho do geógrafo, pois paisagem e a vivência tornam-se lugar; paisagem e poder: território; paisagem e taxonomia: região.

Também para Dougals Santos (2002), a paisagem é o ponto de partido da leitura geográfica. É na dimensão das formas e tudo aquilo que se apresenta imediatamente aos sentidos humanos que se coletam os índices que permitirão o aprofundamento da análise à camada mais profunda, aquela onde se escondem as determinações. Nesta camada, soma-se à categoria território. Paisagem e território, forma e conteúdo, visível e invisível, dado e pensado, manifestações e determinações, são pares dialéticos pelos quais o olhar e pensamento dos geógrafos e geógrafas ganham densidade.

Ruy Moreira (2007), na mesma vertente metodológica, esmiúça o processo de ideação do concreto dado ao concreto pensado, em que a paisagem representa o início e o

fim. De uma paisagem caótica a uma paisagem organizada, desvendada segundo regularidades e funcionalidades. A paisagem é todo que envolve os sujeitos, são os contornos que desembocam em novas margens, capturadas pelos olhares. Mas não só pelo olhar: a paisagem é nos dada a sentir, a ouvir, a cheirar, a estranhar, a silenciar:

> O açougue urbano como produto do ritmo frenético da cidade fazia o paralelepípedo gritar, escutávamos. Era assim que íamos compondo coletivamente a forma de olhar a cidade. Víamos-na também pelos ouvidos, pela sirene de ambulâncias, de veículos da polícia e dos ruídos do "busão" da Anhanguera lotado de trabalhadores. Era fácil compreender: a paisagem urbana se manifesta sonoramente. O barulho do centro popular era o canto fadigado da metrópole, voz rouca e desembalada. Canto desafinado, desafiador, descomunal. Mas ela, a metrópole, timbrada por uma profunda diversidade espacial, tinha também seus cantos de silêncio, de cerceamento de voz, de delírio. (Crônica 1 – Chaveiro, 2020).

Grandes ou pequenas; calmas ou nervosas; inocentes ou perversas; as cidades são multifacetadas e detêm diversos signos e tensões políticas, econômicas e culturais. Nos mares de rostos de anônimos ou fofoca, que invade a privacidade dos sujeitos, as cidades têm ecos polifônicos. São elos que, ligam os lugares nas escalas regionais, nacionais e globais. As conquistas da racionalidade aglutinam-se nas metrópoles e os flagelos do progresso capitalista são escancarados nas suas esquinas mendicantes.

As pequenas cidades, que muitas vezes não existem nos mapas, esperam o chegante com uma gentil placa "Bem-vindo", soa como um "Boa tarde, pode entrar". Se estiver procurando alguém, pare no bar e pergunte, oriente-se pelos gestos dos braços e conselhos cartográficos das vozes. Oss olhares das ruas espiam as casas, penetram a privacidade das famílias. O ar inocente das pequenas cidades, camufla o moralismo machista que reprime os corpos com o olhar julgador.

As pequenas cidades têm suas faces impressas nas casas, e os vãos do habitar espiam as ruas. O mundo, de fora ou de dentro, pode ser precipitado pelas escadas da dor, perdas e das múltiplas violências. O habitar, carrega em si a insígnia da ambivalência. Pode se constituir em elo de cura, afeto, amor e proteção, mas também, abarca em si o luto, a violência, a exclusão, a produção de angústias e fobias. Pode-se experienciar tanto a sensação de abrigo-proteção, como o de prisão. A casa-moradia enquanto um sonho, um devir, um campo de luta política, pode representar uma das facetas basilares da dignidade da vida humana, mas também, abarca as contradições das relações interpessoais e sociais. É nesta esfera, que podemos ver eclodir, mas não somente, os efeitos da sociedade colonizada como a herança patriarcal.

As grandes cidades emaranham-se em liberdade e violência. O mundo da rua é organizado, por variáveis possibilidades de relações nas metrópoles. O trabalho e o entretenimento são os grandes produtores de subjetividades que entrelaçam o pulsar arterial urbano. Os bares invadem as calçadas, o trabalho invade a noite e miséria invade os semáforos.

A luta diária da metrópole é a rua. A casa, de modo geral, ficou à mercê, perdeu espaço na construção sócio-subjetiva da densidade existencial. A redução das funções

da casa traduziu-se e materializou-se nos portentosos interesses do capital imobiliário especulativo. Algumas cidades são velhas, mas a fome insaciável de futuro não as deixa envelhecer, a propaganda anuncia a novidade.

Ao longo do século XX, o projeto de modernidade brasileiro tomou forma nas rodovias, no processo de urbanização e industrialização. A cidade e seus tentáculos penetrariam na terra e trariam à superfície o Brasil profundo. A cada nova década, a modernidade desembrulha novas fronteiras. A viagem do progresso ladrilhou estradas para o progresso passar, ele viajou com maletas e empolgou e encantou sujeitou com suas histórias. As malas eram abertas em paradas tortas, e de lá saíam a fórmulas do futuro. O olhar do observador do qual nos fala Gomes recebe, nas crônicas, um destino contrário ao que lhe é dado na escrita academicista. Ao invés da dissimulação do "ponto de vista" do observador em nome da neutralidade científica e da apressada generalização, nas crônicas é autorizado a este observador assumir-se enquanto sujeito corpóreo, situado no tempo e no espaço:

> Em 2010, durante minhas viagens semanais entre São Carlos e Rio Claro (SP) era quase improvável encontrar alguém que estivesse sentado ao meu lado e não estivesse com um fone de ouvidos. Dificilmente havia um diálogo, algo interessante entra por aquelas pequenas peças que se encaixam nos ouvidos e são ligadas por um fio ao celular. Instagram e WhatsApp estavam engatinhando neste tempo. **Me sentia negado, a negação do outro**. Nem um bom dia/boa tarde ou uma resposta ao pedido de "com licença". Algo corriqueiro que poderia permitir o início de uma conversa. O tempo passou, estamos em 2022. Essa separação de rotas continua a todo vapor. (Crônica 2 – Specian, 2022, grifo nosso).

Estimulado a reconhecer os atravessamentos – de classe, gênero, raça/etnia, geração, desejo, que incidem sobre o olhar, o cronista-observador não se aliena da realidade auscultada e, portanto, de sua pertença, responsabilidade e compromisso ético com este soberano objeto MUNDO.

O mundo só faz sentido pela nossa consciência: vê-lo é olhá-lo pelas janelas da consciência. Existimos e temos certeza da nossa transitoriedade e finitude. O nosso captar o mundo não se dissocia dos poderes imagéticos desejantes aos quais o corpo está situado. O olho age, busca e, frontalmente, é movido pelo desejo de compreensão. Nessa explosão cósmica nasce o olhar – um exercício da consciência –, a qual Sartre (2009) afirma ser fluxo contínuo de experiência, pensamento, lembrança, memória e linguagem.

Nós nos lançamos para fora de nós mesmos e continuamos ainda em nós mesmos. A vastidão do mundo que se descortina diante de nossos olhos é abraçada com curiosidade e fascínio. O olhar urbano percorre a cidade com velocidade, frenando brevemente em algumas cenas, mas nunca se esgota. As imagens se movem em uma tensão constante, criam cenas envolventes. Não há um ponto de referência fixo para o olhar na cidade. De acordo com Gomes (2013, p.31), "Vemos apenas o que selecionamos do fluxo contínuo do olhar. O ato físico de olhar é pouco exigente e se alimenta de um interesse homogêneo e generalizado. O olhar percorre, mas não se fixa".

A distração do olhar, é incitada em diferentes meios e por diferentes mecanismos, da academia aos lugares comuns como as redes sociais. Subserviente ao mercado, o

olhar desatento trabalha para a captura dos dados do observador-consumidor (BUCCI, 2021), para a adesão aos signos e símbolos identitários voláteis à vontade das corporações, fragmenta o sujeito, fabrica-lhe o desejo.

Certa vez, em palestra conferida no Encontro Nacional da Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ENANPEGE), Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro teceu duras críticas à ultra especialização dos jovens geógrafos. Disse algo como "hoje, é possível que um geógrafo especializado em pedologia, vá a campo, veja o solo e não veja a paisagem". Transpondo para a leitura das cidades, é possível que um geógrafo ou geógrafa vá a campo, observe o transporte/mobilidade – ou outro fenômeno que lhe interesse em especial – e, não perceba os grades contrastes sociais refletidos nas paisagens ou as rachaduras nos pés do morador de rua que dorme abaixo da marquise do Banco Itaú. As crônicas emitem silenciosamente um convite ao olhar atento à cidade, que não é externa ao sujeito-observador, mas embrenhada no corpo e alma daquele que a compõe e dela é composto:

> Uma aluna certa vez disse: "a cidade entrou em mim". A outra retrucou: "a cidade está até nos cabelos". Um aluno militante interrogou: "como pensar a rua a partir do trabalho alienado?". Um artista de teatro desferiu: "a metrópole é a loucura espacial". A síntese foi um ato de devoção: ver a cidade é uma forma de se ver por dentro. Ela está nas veias. Pulsação. A minha síntese professoral veio programada**: a alma humana tem correspondência com a alma urbana**. (Crônica 1 – Chaveiro, 2020 – grifo nosso).

Invadimos o outro e também somos alvejados por olhares, que gozam de uma liberdade estarrecedora. Alfredo Bosi (1988, p.78) ajeitou os óculos da sensibilidade e escreveu "Olhar não é apenas dirigir os olhos para perceber 'o real' fora de nós. É, tantas vezes, sinônimo de cuidar, zelar, guardar, ações que trazem o outro para a esfera dos cuidados do sujeito". O humano abraça, domestica, cuida, afaga, impõe força na ação de olhar.

O olhar do cronista é o que nos interessa, a captura do inesperado. O leitor e o escritor são viajantes que criam uma cartografia semiótica associada aos labirintos da cidade texto. O romance *Se Um Viajante na Noite de Inverno* (1999), de Ítalo Calvino, abre-se aos olhos do leitor com uma ferrovia, um trem, uns desconhecidos, a fumaça e uma mala. Não sabemos, os leitores, onde estamos descendo e nem para onde estamos indo. Tudo foge ao olhar doméstico. A estranheza transforma o sólido em fugaz etéreo. O escritor anuncia em silêncio: Bem-vindo ao mundo da viagem. O espectador é um viajante que navega no oceano das imagens e palavras.

As vozes da cidade sussurram e encantam os viajantes por outros caminhos. Elas são sagradamente profanas. A metrópole estende a mão, olha-nos com os seus intraváveis olhos e diz "Bom dia. Seja bem-vindo". Entramos no seu corpo, ela nos invade. A cidade é um sistema alegórico. As figuras figuram novos sentidos, que, por sua vez, são tomados por uma guerra de signos. Elas evocam os sujeitos, seus olhos brilham, é deserto, mas as miragens sensualizam curvas. Perdidos e rastejantes, vemos o oceano e

a praia. Assim são os *shoppings*, cinemas, museus e igrejas, são essas miragens evocativas que nos convencem, sossegam, enfurecem. Todos os caminhos levam a Roma.

Crônica e cronistas: a cidade esfacelada

Na mitologia grega, Cronos, o jovem titã, na barriga da mãe Gaia, revoltou-se contra as opressões do pai Urano. A revolta é o grande movimento do tempo. A revolta é força libertária do tempo humano. Rasga-se o cosmos do eterno e imprimimos o caos do transitório. Metrópoles são caóticas, suas paisagens são a síntese do tempo histórico.

> O burburinho dos transeuntes, as palavras de ordens das manifestações populares, misturados com o carro de som da pamonha, com as sirenes das ambulâncias ou dos carros de policiais, com os ensurdecedores sons automotivos, com as buzinas irritantes dos carros e com a revoada dos pássaros são alguns destes sons que compõem a sinfonia citadina. (Crônica 3 – Pelá, 2022).

> Era olhar ao lado para constatar a presença de farmácias, lojas de roupas, banquinhas de trabalhadores informais, vendedores de frutas, de rifas, de calcinhas – três por cinco – ; entregadores de propaganda de Mãe Sinhá, ela que cura câncer, mau-olhado, ruinzeira, tonteiras; e também vendedores de arnicas, xarope do mato, afrodisíacos do Cerrado. A mocinha simpática, três brigadeiros por cinco... uma delícia! – dizia ela com olhos marejados de simpatia –. Era comum, nas rotas, pararmos para conversar com o senhor aposentado cuja camisa estampava: "compro ouro". Aliás, de olho na morfologia urbana corríamos as vistas às pessoas, transeuntes, trabalhadores, gente engravatada com a pressa de um jato perdido; estudantes em grupos; meninos que cheiravam cola, pedintes, entregadores de comida, religiosos, pessoas comuns em direção ao cartório... (Crônica 1 – Chaveiro, 2020).

As descrições das paisagens das metrópoles nas crônicas sugerem um mosaico de imagens móveis, avistadas desde a janela de um trem-bala. Temos cá, com os nossos miolos que, a crônica é a filha caçula de Cronos, é birrenta e esperneia no chão. Parece ser temporona, pois diante dos outros gêneros ela é um tipo travesso que se vale do rangido das portas e da poeira que se assenta nos cantos. Contudo, o cronista é sujeito que se lambuza dos outros gêneros e de outras artes, entre eles: o romancista, o poeta e o pintor.

O romancista usa as palavras domésticas. Cativas, elas criam um enredo sem surpresa. Cristalizadas nas fórmulas abstratas do planejamento. O romance inaugura a passagem do narrador oral para o narrador da palavra escrita, que é onisciente. O romance realista transborda o excesso de palavras, que se tornam entes anônimas na floresta do texto. A crônica, por sua vez, é impaciente demais para ser romance. É o olhar tornando-se texto. A mancha tomando contorno de palavras, ou palavra manchando-se de mundo.

Se o romancista apropria-se do excesso de palavras, o poeta é tomado pela ausência delas. A palavra no poema é selvagem. Diz mais do que está escrito. Ela não se cala para os pontos. O poema não narra. A poesia é a ausência da narração. É caos. As palavras rebeldes nascem no mundo. Não nomeiam, rolam entre versos. Poema declama-se. É um interim de caos e sentido, declamado é palavra feita de corpo. Grita silêncio.

Entretanto, a palavra no poema é solitária. O cronista ama a frase. Sendo, portanto, a medida certa para o texto. Cronistas são frasistas.

Nos debulhamos em imagens. Se para Sartre (2019), o pintor é um narrador mudo, o cronista seria como um pintor que colore a cena com palavras. Pintar é ato demorado, prefiro acreditar que o cronista é um fotógrafo das imagens falantes. O que nos diz a imagem de um congestionamento?

> Afinal eles [os carros] estão literalmente parados em um lugar que foi planejado e construído para emitir o som do tempo rápido que emite a sonoridade da melodia dos negócios, da mercadoria e do dinheiro. [...] o tempo rápido estava sendo parado pela sua própria produção. Ali entendi um dos motivos dos surtos psicóticos que estavam acometendo a cidade. Ela que foi feita para que os carros fluíssem em um tom orquestrado do tempo rápido estava sendo parada por eles. Meio atordoada, continuei andando. (Crônica 3 – Pelá, 2022).

A palavra pensa a imagem, mesmo que em silêncio. Pela fugacidade das cenas, a crônica revela a cidade para a cidade. As metrópoles são os negativos da modernidade; imagens das utopias e as respectivas fantasmagorias rastejam-se por elas.

> Às vezes surge uma pontinha de esperança, um casal sentado à sombra de uma árvore ou na mesa de um bar. Cadeiras próximas. Eles parecem dialogar.... Mas com um olhar mais próximo percebemos que o diálogo é outro. O pescoço curvado não deixa dúvidas, eles estão avaliando o que o aparelho posta. Estão em algum monólogo, estão solitariamente acompanhados. (Crônica 2 – Specian, 2022).

Em sua obra “As cidades invisíveis” (2002), Calvino transporta Marco Polo e o imperador Kublai Khan para uma viagem através da literatura, guiada pelas palavras. O jovem aventureiro, descreve as mulheres-cidades e traz uma explosão de elementos imaginativos para o tabuleiro de cristal do imperador. Quando Marco Polo afirma ter falado de todas as cidades que conhecia, Kublai Khan menciona uma que faltava: Veneza. Surpreso, Marco Polo responde com um sorriso: “E de que outra cidade imaginava que estava falando? Uma cidade ajuda a ler a outra, a cidade que não é evocada está em todas as outras”. As cidades-crônicas têm sentido apenas na percepção dos sujeitos, sendo as lembranças poderosas que guiam os signos do agir consciente. Deste modo, carregamos os fragmentos das nossas cidades, alguns presos em nossos pés e outros em nossos corações.

O escritor italiano havia alertado sobre os encantos de Tamara: uma cidade sem fim nem começo e que nos diz o que olhar. Penetrar a grande Tamara é uma viagem alegórica. Os fantasmas e os sonhos cambiam na construção do sentido da viagem, ela lhe olha e você está preso nas suas retinas. Preso no reflexo de si.

A liberdade polifônica e polissêmica das cidades tece infinidades desejantes aos viajantes e moradores. É nessa paisagem que céu e asfalto se juntam numa grande cápsula do tempo, o documento protegido nesse invólucro é a voraz fome de progresso. A fome do novo impede que o passado esteja na íris da cidade. As metrópoles cinzentas pintam uma aquarela cinemática. A metrópole é a transe polissêmica e polifônica das paisagens bicolores do cinema antigo, distribuídas na pintura cartográfica de Jackson Pollock.

A cena é o fluxo de mudança. As imagens projetadas conversam com a memória e esperança do observador. A esperança é a memória que deseja. Os sons, os diálogos, as luzes e os ângulos (re)criam sentidos na cidade. Gomes (2013) entende que, o regime de visibilidade compõe as múltiplas experiências de observação, o nosso olhar é orientado pelos discursos, que, por sua vez, trabalham para situar os sujeitos no mundo. Os caminhos para compreender uma cena perpassam pelos níveis da descrição, tensão e chega aos valores culturais e simbólicos.

Os ciscos de um passado onírico assentam nas metrópoles que comem o futuro. As lembranças estão nas paredes descascadas; o esquecimento, na demolição e no vidro fumê dos prédios novos. O tempo não encarde os vidros, eles não têm memória. Benjamim (1989) anunciou que as cidades modernas são a memória em Proust e o esquecimento em Kafka. Todas as cidades são a marca do pecado da Babilônia e o desejo moral de Jerusalém Celestial; o lucro e a miséria; o luxo e o lixo

O cronista é o fotógrafo do instante, que revela a cidade no reticulado da palavra. A fotografia é, para Barthes (2017), a paisagem colada na vidraça da janela. A tridimensionalidade da experiência cria-se entre o olhar e a imagem. A imagem fotográfica compõe-se de dois elementos: o *studium* e o *punctum.* O primeiro constitui-se um campo vasto da fotografia, carrega a familiaridade da cultura, o olhar consciente e dormente sobre as imagens. Investigamos o ângulo do fotógrafo, o olhar judicioso da moral nos faz gostar ou repugnar a imagem.

Esta resulta-se na mediação da máquina fotográfica e o mundo, sendo a ordem do *Operator.* O segundo é a invasão, uma pequena ferida, um pequeno buraco que estimula e incita. Ele revela o que está oculto na inscrição visual. Apreende-se pelo detalhe, rouba a atenção. Suponhamos, a foto de uma face velha, chama a atenção pela infância do personagem ou como seriam as rugas da mão que não foi fotografada. O oculto sombreado arvorece imaginação, sendo a ordem do *Spectador.*

Escrever resulta de múltiplas tensões. Internalizamos o mundo, ele penetra as emoções, pinta imagem no pensamento. Os escritores andam distraídos, pois a observação atenta está no texto que está sendo gestado. Naquilo que ainda não vive perambulando livre.

Desta maneira, a linguagem tem relevo semântico, paisagens afetivas, territórios existenciais e lugar de enunciação. O desafio do cronista transformar a sua narrativa em imagens. Um texto literário enrica-se na imaginação, a palavra narrada cria o movimento nas lembranças evocadas. O geógrafo-cronista, quando escreve, faz a palavra criar imagens ou paisagens no território do texto. Portanto, a escrita e a leitura ligam-se, a experiência-paisagem do escritor ecoa na experiência-paisagem do leitor. A escrita e a leitura resultam de digestão cognitiva no campo da consciência.

No imbricado jogo da linguagem, somos territorializados por discursos e nos desterritorializamos pelo desejo. Palavra também é vontade. O fluxo da existência não prefigura um monolítico sólido, mas os fragmentos das experiências constituem-se pela infinidade de rizomas. Sobre o espaço e o corpo, Guatari (1993, p. 153) afirma:

> A abordagem fenomenológica do espaço e do corpo vivido mostra-nos seu caráter de inseparabilidade. Por exemplo, no sono e no sonho, o corpo fantasmado coincide com diferentes modalidades de semiotiza-çao espacial que ponto em funcionamento. A dobra do corpo sobre si mesmo é acompanhada por um desdobramento de espaços imaginários.

A crônica transita nos territórios de resistência ao tempo hegemônico. Resistir pode ser: frequentar o botequim, preferir a noite, acionar o irracional e, claro, embriagar-se. O mundo sólido deve ser bebido. Resistir é "flanear" pelo desejo de não chegar.

A palavra, o corpo, o gesto, o beijo, o sonho são as redes que fecundam a arte literária. Talvez, toda arte esteja territorializada nas fronteiras que ligam o corpo à alma. Nesta trilha, a crônica é a escrita do afeto singular. Vale lembrar: o poder da arte está, sobretudo, no incômodo da inconformidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Geógrafos-cronistas são fotógrafos de cidades invisíveis; capturam o choro da criança, a cerveja gelada, o suspiro cansado do trabalhador e o vira-latas esperando a sobra de comida no bar da esquina. Narram as surpresas que se escondem no reles do comum. A matéria-prima é o absurdo do comum.

A crônica constitui-se dos instantes, não necessariamente os instantes da Paris de Baudelaire, mas uma dimensão concreta e histórica de mundo no instante. Borges (1986, p.133), no conto *O Aleph*, viu o cosmos na abertura no portal e intermináveis olhos que indagavam como espelho, e concluiu "compreendi que esse movimento era uma ilusão produzida pelos vertiginosos espetáculos que encerrava [...] vi todos os espelhos do planeta e nenhum me refletiu". O Aleph tem uns dois ou três centímetros de profundidade, uma fina espessura que levaria para uma infindável viagem do ver. Perguntamo-nos se Borges escreve sobre palavras ou imagens, ou uma mistura plástica de texto e imagem.

Escrever é observar na desatenção. E o desatento *Palomar* (1994), personagem de Ítalo Calvino, olha para o açougueiro cortando a carne e pergunta: Há quantos séculos nesse gesto? A crônica é um portal mágico que se abre no ordinário; e dele vemos as fissuras criadas pelos ventos da modernidade. O acaso do real levado ao absurdo da loucura, assim medem-se as escalas de alcance de uma boa crônica. Outra frase de efeito: Toda palavra é uma metáfora. O singular exagera-se.

O leitor apaixona-se pela cidade imaginária dos cronistas. Deste modo, os pontos de vista, do observador que escreve e do observador que lê, se dissolvem no mundo. Toda arte, nessa perspectiva, é um ato de intervenção. Pensar é agir, transformar pensamento em texto é uma enigmática força revolucionária. Há um coletivo de forças que participam e intervêm nas mudanças e, principalmente, nas derivas transformadoras que aí se dão.

Como afirmou Sartre (2019), a arte engajada busca a inegociável liberdade. O texto é sobretudo, um ponto de ruptura e não meramente representação, carrega a vontade. Engravida o leitor com desejo da liberdade. Escritor, leitor e texto situam-se no tempo e no espaço. Portanto, a liberdade não é uma ideia abstrata, é pensamento é encarnado.

Dotar de palavras ou vestir de linguagem as paisagens é um movimento interseccional. A escrita, como campo de força, é agente semiotizador do ato de cartografar o caos do cotidiano. O texto organiza a loucura, constrói o olhar.

Palavras são entidades diaspóricas, vagam. Invadimos o outro com os nossos sons. Saímos e repousamos no ninho alheio. A emoção e a surpresa roubam os lúcidos vocábulos, gaguejamos com as surpresas e peças pregadas pelo outro.

Há diversas formas de resistência, desde frequentar um botequim até preferir a noite, acionando o irracional e, é claro, embriagando-se. A escrita bebe do mundo sólido. Resistir é flanar pelo desejo de não chegar. A palavra, o corpo, o gesto, o beijo e o sonho são redes que fertilizam a arte literária. Talvez, toda arte esteja territorializada nas fronteiras que conectam o corpo à alma. Nessa jornada, a crônica é a escrita do afeto singular. É importante lembrar que o poder da arte reside, principalmente, no desconforto gerado pela inconformidade.

Os escritores andam distraídos pelas ruas, pois a observação atenta está no texto que está sendo gestado. Naquilo que ainda não vive perambulando livre pelas esquinas e bancas de jornais: a crônica. É nesse gênero que há a revolta do ordinário.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **Câmara Clara**: notas sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castanõn. 7ª ed Rio de Janeiro/RJ: Nova Fronteira, 2017.

BESSE, J. M**. Ver a Terra:** seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. Tradução Vladimir Bartalini. São Paulo/SP: Perspectiva, 2014.

BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. Tradução José Martins Barbosa e Hemerson Alves Batista. 1 ed. São Paulo/SP: Brasiliense, 1989.

BORGES, J. L. **O Aleph**. Tradução Flávio José Cardozo. Rio de Janeiro/RJ: Editora Globo, 1986.

BOSI, A. Fenomenologia do Olhar. *In:* NOVAES, A. (org.). **O olhar**. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 1988. p. 65-89.

BOSI, A. **O ser e tempo da poesia**. 8ª edição. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2010.

BUCCI, E. **A superindústria do imaginário**: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível. São Paulo/SP: Autêntica Editora, 2021.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. 18ª reimpressão. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 1990.

CALVINO, I. **Se um viajante na noite de inverno.** Tradução Nilson Moulin. 4ª reimpressão. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 1999.

CALVINO, I. **Palomar**. Tradução Ivo Barroso Dias. 1ª edição. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 1994.

DARDEL, E. **O Homem e Terra:** natureza da realidade geográfica. Tradução Werter Holzer. São Paulo/SP: Perspectiva, 2015.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro/RJ: Imago, 1997.

GOMES, P. C. da C. **O lugar do olhar:** elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro/RJ: Bertrand Brasil, 2013.

GUATTARI, F. **Caosmose:** um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo/SP: Editora 34, 1992.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em Geografia**. São Paulo/SP: Contexto, 2007.

NOVAES, A. (org.). **O olhar**. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 1988.

SANTOS, D. **A reinvenção do espaço**: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria. São Paulo/SP: Unesp, 2002, 218p. ISBN: 9788539303397

SARTRE, J. P. **A Imaginação**. Porto Alegre/RS: L&PM, 2009.

SARTRE, J. P. **Que é a literatura?** Tradução Carlos Felipe Moisés. Petrópolis/RJ: Vozes, 2019.

PAZ, O. **A outra voz.** Tradução Wladir Dupnt**.** São Paulo/SP: Siciliano, 1993.

SOUZA, M. L. **Ambientes e territórios:** Uma introdução à Ecologia Política. Rio de Janeiro/RJ: Bertrand Brasil,, 2019.

Chaveiro, E. F. **O Grito do paralelepípedo.** 2022. Disponível em: https://15557d4b-846d-4ca4-a9f7-0518a88199e2.usrfiles.com/ugd/15557d_d9c1865 0d24c4db782430b5abaa30981.pdf. Acesso em: 10 nov. 2022.

Specian, V. **Novo projeto habitacional celu"lar"**. 2022. Disponível em: https://15557d4b-846d-4ca4-a9f7-0518a88199e2.usrfiles.com/ugd/15557d_6d235d 57b20840c289c48de4303635e5.pdf. Acesso em: 10 nov. 2022.

Pelá, M. **A sinfonia da cidade: movimento e disputa**. 2022. Disponível em: https://15557d4b-846d-4ca4-a9f7-0518a88199e2.usrfiles.com/ugd/15 557d_02f6a9520ea9490489ee937969e14a77.pdf. Acesso em: 10 nov. 2022.

SOBRE OS/AS AUTORES/AS

RODRIGO EMIDIO SILVA – Possui graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás(2007), especialização em Métodos e técnicas de ensino pela Universidade Saldado de Oliveira(2010) e mestrado em Geografia Humana pela Universidade Federal de Goiás(2022). Atualmente é professor da Secretaria municipal de Educação, professor da Secretaria Estadual de Educação, da Universidade Federal de Goiás, da Universidade Estadual de Goiás e Revisor de periódico da Revista Geografia Literatura e Arte da Faculdade de Filosofia. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Humana. Atuando principalmente nos seguintes temas:Cinema, Olhar, Paisagem, Cidade.

E-mail: rodrigo.emidio02@gmail.com

ANA CAROLINA DE OLIVEIRA MARQUES – Doutora em Geografia (UFG). Docente no Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Geografia da Universidade Estadual de Goiás (PPGEO/Campus Cora Coralina). Secretária da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE). Coordenadora do Núcleo PIBID Geografia/UFPB. Ex diretora da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB - Seção Goiânia). Pesquisadora do grupo “Espaço, Sujeito e Existência” (CNPq/UFG). Colunista do blog Multiplicadores de Vigilância em Saúde do Trabalhador (FIOCRUZ/RJ). Áreas de interesse: cartografias existenciais; cartografia escolar; militarização da educação; Geografia da Educação; educação geográfica.

E-mail: carol.geografia@hotmail.com